

Linguagem & Ensino, Vol. 2, No. 1, 1999 (59-71)

Pronominalização em inglês e português por alunos brasileiros: Dados transversais e longitudinais

Marília dos Santos Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ABSTRACT: This article focuses on the use of it, zero and definite noun phrases in it-contexts by Brazilian students learning English as a foreign language. It reports on a cross-sectional study (Lima 1993), involving 64 informants divided into three proficiency groups. The results are compared with data from a longitudinal study having a Brazilian informant learning English in Britain. The data consisted of fifteen hours of conversation between the informant and a native speaker.

RESUMO: Este artigo trata do uso de it, zero e sintagma nominal definido nos contextos do pronome it na fala de alunos brasileiros aprendendo inglês como língua estrangeira.. Resultados de um estudo transversal (Lima 1993) com 64 informantes são comparados com dados de um estudo longitudinal que teve como informante uma brasileira aprendendo inglês na Grã-Bretanha. Os sujeitos do estudo transversal foram divididos em três grupos de proficiência. O estudo longitudinal inclui quinze horas de gravação entre a informante e um falante nativo de inglês.

KEY WORDS: TEFL, L2 acquisition, anaphora.

PALAVRAS-CHAVE: inglês como língua estrangeira, aquisição da L2, anáfora.

PRONOMINALIZAÇÃO EM INGLÊS

INTRODUÇÃO

O uso inapropriado de zero (omissão) em contextos onde *it* seria necessário é um fenômeno observado por muitos professores de alunos brasileiros aprendendo inglês, o que foi confirmado em entrevistas concedidas por 18 professores para o estudo de Lima (1993). Este problema ocorre em diferentes níveis de proficiência, especialmente na função de complemento. Observação informal também mostrou esse comportamento na fala espontânea de brasileiros considerados proficientes em inglês. Por outro lado, na posição de sujeito, este fenômeno parece ocorrer apenas nos estágios muito iniciais da aquisição. Este estudo focaliza a produção de itens lingüísticos nas duas posições sintáticas, comparando dados de um estudo transversal (Lima 1993) e outro longitudinal realizado posteriormente.

Vários estudos sobre pronominalização salientam dificuldades dos aprendizes refletidas no uso de zero em inglês. Butterworth & Hatch (1978) relatam o uso freqüente de zero em contextos de sujeito na fala de falante de espanhol aprendendo inglês. Afirmam que a omissão de *it* era mais freqüente do que a de qualquer outro pronome. Outro exemplo encontra-se no trabalho de White (1985). Seus resultados sugerem que falantes de espanhol, particularmente em níveis iniciais de proficiência carregavam o parâmetro 'pro-drop' de sua língua materna (L1) para a língua alvo (inglês). Ela observa que os aprendizes não percebiam a incorreção das sentenças onde os sujeitos faltavam. Gundel & Tarone (1983) também demonstraram que os falantes de espanhol empregavam um comportamento do tipo 'testagem de hipótese' ao transferirem o padrão de apagamento do sujeito da L1 para o inglês. Huebner (1983), num estudo longitudinal, em que observou as produções orais de um falante de uma língua de topicalização, encontrou ocorrências de omissão em contextos de terceira pessoa do singular. Outro estudo revelador é o de Williams (1989) que observou que a anáfora zero ocorre com mais freqüência na fala de grupos não nativos, cuja L1 é do tipo que admite zero.

Embora esses dados não se relacionem apenas ao pronome *it* e não se refiram a falantes de português, eles são relevantes pela pressuposição de que a L1 pode ser um dos fatores que influenciam o padrão de comportamento lingüístico no uso de itens anafóricos na língua alvo.

É sabido que o português do Brasil permite o uso de zero na posição de sujeito e de objeto. O emprego do pronome pessoal tem sido ana-

MARÍLIA DOS SANTOS LIMA

lisado sob o ponto de vista da topicalização e do parâmetro ‘pro-drop’. Salientam-se os estudos de Pontes (1987), Galves (1984,1989) e Guindaste (1991), entre outros. É possível que o emprego de zero seja transferido, em condições específicas, para uma L2.

O ESTUDO TRANSVERSAL

In Lima (1993), 64 informantes, que estavam aprendendo inglês na universidade para fins profissionais (licenciatura ou bacharelado em tradução), foram divididos em três grupos de proficiência (A=iniciantes, B=intermediários e C=avançados). Os grupos A e B eram formados por 21 alunos e o Grupo C formado por 22 alunos. A tarefa deles era produzir oralmente quatro narrativas, seguindo uma seqüência de gravuras. Cada narrativa era formada por oito cenas. A produção foi gravada em áudio pela pesquisadora em condições de laboratório. As narrativas foram transcritas e analisadas pela pesquisadora e por um falante nativo. Especial atenção foi dada aos itens anafóricos de terceira pessoa do singular (pessoais e possessivos humanos e neutro). As hipóteses referentes ao uso de *it*, foco deste artigo, foram:

Hipótese 1: O uso inapropriado de zero em contextos de terceira pessoa do singular neutro na função de sujeito ocorrerá nas produções dos alunos menos proficientes.

Hipótese 2: O uso inapropriado de zero em contextos de terceira pessoa do singular neutro na função de complemento ocorrerá nas produções dos alunos dos três níveis de proficiência, mas a frequência de zero diminuirá gradativamente quanto maior for a proficiência dos alunos.

No desenrolar do estudo, decidiu-se que *inapropriado* seria uma categoria incluindo: (i) o uso de zero em contextos onde *it* pode ser usado e (ii) o uso de sintagmas nominais redundantes, isto é, sintagmas definidos já utilizados no estabelecimento do referente e que sejam repetidos em contextos lingüísticos muito próximos, tornando o enunciado estranho, como nos itens sublinhados no exemplo abaixo, produzido por um informante do grupo B:

PRONOMINALIZAÇÃO EM INGLÊS

(1) He buy buyed some fish. He likes the fish very much. The fish was big. The fish was delicious. He eat ate the fish and was happy. (B2)

O exemplo reflete uma alta incidência do sintagma nominal definido em contextos onde *it* seria suficiente. Este fenômeno é particularmente interessante, já que ele não foi observado na produção dos pronomes humanos (*he, him, she, her*). Por outro lado, houve também sintagmas nominais definidos considerados adequados como a primeira ocorrência de 'the fish' (não sublinhada no exemplo). Os resultados foram apresentados e analisados, considerando-se frequência e adequação, incluindo também os sintagmas nominais definidos não redundantes. Todas as referências a três referentes específicos que apareciam nas narrativas - *balloon, fish* e *Moonlight Café* - foram incluídas na análise. Todas as ocorrências de itens apropriados e inapropriados foram localizadas por um falante nativo e, posteriormente, confirmadas por outro. Todas as ocorrências de *it* foram consideradas apropriadas.

As produções dos três grupos são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 — Categorias apropriadas e inapropriadas referentes a *balloon, fish* e *Moonlight Café* produzidas pelos três grupos na função de sujeito.

	Grupo A	Grupo B	Grupo C
SN apropriado+it	72 68%	75 81%	117 90%
SN inapropriado+zero	34 32%	18 19%	13 10%
total	106 100%	93 100%	130 100%

SN=sintagma nominal

Os resultados sugerem que os informantes menos proficientes apresentam algum grau de dificuldade nesta função. Um teste estatístico ($X^2=17.96$, $df=2$, $p<0.01$) revelou diferenças significativas entre os grupos, que foram localizadas entre os grupos A e B ($Z=2.15$). O valor de Z entre os grupos B e C ($Z=1.21$) não foi significativo.

Os resultados na função de complemento estão na Tabela 2.

MARÍLIA DOS SANTOS LIMA

Tabela 2 — Categorias apropriadas e inapropriadas referentes a *balloon*, *fish* e *Moonlight Café* produzidas pelos três grupos na função de complemento.

	Grupo A	Grupo B	Grupo C
SN apropriado+it	44 40%	64 54%	78 63%
SN inapropriado+zero	68 60%	55 46%	45 37%
Total	112 100%	119 100%	123 100%

Os grupos B e C produziram mais itens apropriados do que inapropriados. Os itens inadequados foram mais freqüentes no grupo A do que nos outros dois. No entanto, ao compararmos as produções dos informantes na Tabela 2 com aquelas na função de sujeito (Tabela 1), vemos que os percentuais na função de complemento sugerem um efeito de função sintática. Os três grupos produziram mais erros na função de objeto. Os erros foram produzidos pelo menos por quinze informantes nos grupos A e B e por 50% deles no grupo C, o que indica uma considerável variabilidade na produção do item em questão. A tabela também mostra que os percentuais de itens inapropriados decresce gradualmente, refletindo os níveis de proficiência dos informantes. Diferenças entre os grupos na função de complemento foram significativas ($X^2=13.80$, $df=2$, $p<0.01$). O grau de significância foi de .05 entre os grupos A e B ($Z=2.38$), mas o valor de Z para os grupos B e C ($Z=1.23$) não foi significativo.

Devido à relevância dos sintagmas nominais nos dados, é importante especificar o uso deles pelos informantes. A Tabela 3 inclui a freqüência e percentuais de sintagmas nominais apropriados e inapropriados nas duas funções sintáticas.

Tabela 3 — Sintagmas nominais definidos apropriados e inapropriados nas funções de sujeito e complemento referentes a *balloon*, *fish* e *Moonlight Café* produzidos pelos três grupos.

PRONOMINALIZAÇÃO EM INGLÊS

	Grupo A	Grupo B	Grupo C
Apropriado	32 30%	38 39%	46 49%
Inapropriado	73 70%	59 61%	48 51%
Total	105 100%	97 100%	94 100%

Todos os grupos tiveram uma alta frequência de sintagmas nas narrativas. A tabela mostra que há uma proximidade no total de itens usados pelos três grupos. Há um decréscimo gradual no percentual de itens inapropriados, conforme aumenta a proficiência. Diferenças significativas ($X^2=7.09$, $df=2$, $p<0.05$) foram detectadas entre os grupos. Os testes de proporção mostraram que as diferenças estão localizadas especialmente entre os Grupos A e B ($Z=1.97$), não sendo significativas entre B e C ($Z=1.62$). As diferenças na função de sujeito não foram significativas. No entanto, o uso redundante de sintagmas nominais na função de complemento foi marcante, conforme mostra a Tabela 4.

Tabela 4 — Sintagmas nominais definidos apropriados e inapropriados na função de complemento referentes a *balloon*, *fish* e *Moonlight Café* produzidos pelos três grupos.

	Grupo A	Grupo B	Grupo C
apropriado	12 21%	18 30%	22 39%
inapropriado	45 79%	42 70%	34 61%
Total	57 100%	60 100%	56 100%

Observa-se uma incidência muito alta de sintagmas nominais nos três grupos, que decresce conforme aumenta a proficiência, indicando um efeito de função sintática. Diferenças significativas ($X^2=4.47$, $df=2$)

MARÍLIA DOS SANTOS LIMA

não foram encontradas, sugerindo um comportamento semelhante entre os grupos embora com uma incidência variável.

Contrariamente ao que se esperava, os resultados do estudo transversal revelaram que os informantes não usaram zero numa frequência significativa. No entanto, a dificuldade do aprendiz com o pronome refletiu-se principalmente na repetição desnecessária de sintagmas nominais definidos. Esta tendência foi mais forte na produção dos alunos menos proficientes. O fato de as diferenças significativas estarem localizadas particularmente entre os grupos A e B, e não sendo significativas entre B e C, sugere dois grupos de alunos no que tange ao uso de itens anafóricos neste contexto e não três grupos conforme a divisão por nível de proficiência. No entanto, parece haver três estágios na competência transicional da aquisição de *it* por essa população, que não correspondem exatamente aos três níveis de proficiência dos grupos. No estágio 1 predomina o sintagma nominal redundante, seguido em frequência por zero, seguido do uso esporádico do pronome *it*. O estágio 2 envolve ainda alta incidência de sintagmas nominais, aumentando a frequência de *it*, mas mantendo a produção de zero em alguns casos. No estágio 3 predomina o pronome *it*, ainda com algumas ocorrências de sintagmas e poucos casos de zero.

Antes de finalizar esta seção, cabe salientar que as narrativas foram também produzidas em condições idênticas por três falantes nativos de inglês. Os nativos não produziram sintagmas nominais definidos além daqueles usados uma única vez para estabelecer cada personagem nas histórias. Portanto, vale reiterar que a repetição do sintagma nominal definido parece típica do comportamento dos aprendizes de inglês, especialmente dos menos proficientes.

O ESTUDO LONGITUDINAL

O interesse em desenvolver um estudo longitudinal originou-se da necessidade que senti de ter suporte adicional para os estágios de desenvolvimento sugeridos pelo estudo transversal e para comparar dados de linguagem espontânea em situação típica de aquisição de segunda língua com os dados de ambiente instrucional típico de aquisição de língua estrangeira. As amostras do estudo longitudinal não foram coletadas com

PRONOMINALIZAÇÃO EM INGLÊS

o propósito de investigar itens lingüísticos específicos, mas aproveitar a oportunidade de coletar dados naturais para investigação futura.

A informante (Dora) era uma dona de casa brasileira de 25 anos de idade, vivendo na Inglaterra com sua família. Ela tinha estudado inglês muito brevemente na escola secundária no Brasil aproximadamente dez anos antes de ir para a Grã-Bretanha e não tinha domínio algum da língua inglesa. Não estava estudando inglês formalmente durante o período de coleta de dados. Ela estava muito motivada para aprender inglês não só porque necessitava da língua para suas obrigações diárias, mas também porque achava importante aprender uma segunda língua. Dora não tinha curso superior. Na Inglaterra passava a maior parte do tempo fazendo o trabalho doméstico e cuidando de seus três filhos.

As gravações foram iniciadas um mês após sua chegada à Grã-Bretanha. Consistiam de conversas informais com uma falante nativa na casa de Dora no fim de tarde. Os tópicos variavam desde atividades cotidianas até problemas mundiais. Os procedimentos foram baseados em Huebner (1983), havendo um encontro a cada três semanas durante um ano. Aproximadamente 15 horas de gravação foram coletadas. As fitas foram transcritas em inglês padrão. Para o estudo aqui relatado, somente as fitas ímpares foram analisadas. Ou seja, este estudo focaliza os itens anafóricos de terceira pessoa do singular, que a informante produziu em intervalos regulares a cada seis semanas. Conforme sugestão de Huebner (1983), foi decidido que fitas pares intermediárias seriam analisadas caso houvesse alguma mudança brusca no comportamento lingüístico e para confirmar pontos de aquisição.

Todas as ocorrências de itens referenciais nos contextos do pronome *it* idênticos ao estudo transversal foram analisadas com os mesmos critérios. Ocorrências de *it* evidenciadas como cópias do modelo (falante nativo), isto é, repetidas imediatamente após a falante nativa as ter usado não foram incluídas na amostra. Exemplos produzidos por Dora e incluídos no estudo estão no enunciado abaixo:

(2) I like the Chinese food because \emptyset have a lot vegetables. I no like meat. I eat \emptyset but I no like \emptyset . \emptyset is not necessary for me. (Tape 3).

O exemplo mostra o uso de zero (\emptyset) nos dois contextos sintáticos focalizados. A Tabela 5 abaixo mostra a produção da informante na função de sujeito.

MARÍLIA DOS SANTOS LIMA

Tabela 5 — Itens apropriados e inapropriados em contextos de *it* produzidos por Dora na função de sujeito.

Fita	1	3	5	7	9	11	13	15
<i>it</i>	0	1	1	5	5	3	4	3
SN	3	3	2	2	0	0	0	0
zero	2	3	2	1	1	1	0	0
total	5	7	5	8	6	4	4	3

Conforme o falante nativo que confirmou os dados, os sintagmas nominais incluídos nas tabelas poderiam ter sido substituídos pelo pronome sem causar ambigüidade. Da fita 1 até a fita 5 há um predomínio de itens inapropriados (SN e zero). A informante usa o sintagma redundante e zero numa freqüência muito próxima. O padrão modifica-se ligeiramente a partir da fita 7, ou seja, quando Dora já está na Inglaterra há pouco mais de seis meses, quando começa a predominar o pronome em suas produções, embora com alguma variabilidade, pois ainda usa zero como sujeito até a fita 11. Os itens inapropriados desaparecem na fita 13. Na verdade, ela deixou de produzi-los já na fita 12 (aproximadamente 10 meses na Grã-Bretanha), que foi também examinada para maior precisão de análise. Na fita 12, onde parece estar seu ponto de aquisição, houve 5 ocorrências do pronome *it*. Salienta-se aqui que o sintagma nominal redundante não ocorre após a fita 7.

A Tabela 6 mostra a produção de Dora na função de complemento.

Os dados na tabela indicam maior variabilidade na função de complemento. É somente na fita 7 (aproximadamente seis meses na Grã-Bretanha) que Dora usa o pronome *it* pela primeira vez. Até a fita 6, também verificada, ela produz apenas sintagmas e zero neste contexto. Após a fita 7, o sintagma redundante desaparece. A partir da fita 9 (aproximadamente 7 meses no país) até o final das gravações, há variação de uso entre o pronome neutro e zero, predominando o primeiro.

Tabela 6 — Itens apropriados e inapropriados em contextos de *it* produzidos por Dora na função de complemento.

PRONOMINALIZAÇÃO EM INGLÊS

Fita	1	3	5	7	9	11	13	15
it	0	0	0	1	3	2	5	2
SN	1	3	2	1	0	0	0	0
zero	2	3	3	3	2	2	1	1
total	3	6	5	5	5	4	6	3

A informante parece ter maior dificuldade na função de complemento. Diferentemente das ocorrências na função de sujeito, o uso de zero não desapareceu na produção de Dora, embora ela já tenha adquirido o pronome *it* (complemento) na fita 13. Além disso, os sintagmas redundantes desapareceram ao mesmo tempo nas duas funções sintáticas. Portanto, no estudo longitudinal, zero persistiu por mais tempo do que o sintagma nominal redundante.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

As hipóteses foram parcialmente confirmadas; os aprendizes demonstraram dificuldade na produção do pronome *it* especialmente na extremidade menos proficiente do contínuo de aprendizagem. No entanto, zero não foi o item anafórico mais freqüente no estudo transversal. A dificuldade do aprendiz foi particularmente demonstrada pela produção de sintagmas nominais redundantes em ambientes lingüísticos onde o pronome seria suficiente. Este fenômeno foi também observado por Klein (1986) e Fakhri (1989) que relatam ser comum a repetição de sintagmas nominais na fala de alunos de L2. Fakhri sugere, inclusive, que para o aluno deve ser mais seguro usar sintagmas definidos para atingir a referência a participantes. Acredito que podemos entender esse comportamento como uma estratégia de evitação ('avoidance'), fenômeno também observado por Schachter (1974). Em outras palavras, a pronominalização é evitada na tentativa de se evitar prováveis erros, especialmente quando o item lingüístico é estranho para o aprendiz na L2, como é o caso do conceito de neutralidade e uso do pronome *it* por alunos brasileiros aprendendo inglês. Villalba (1995) chegou a conclusões muito semelhantes quanto ao uso do pronome *lo* por alunos brasileiros aprendendo espanhol como língua estrangeira.

Os três grupos do estudo transversal produziram mais itens inadequados na função de complemento do que na de sujeito, o que indica que

MARÍLIA DOS SANTOS LIMA

os pronomes nominativos são aprendidos antes daqueles na função de complemento. Este fato é mencionado na literatura (por exemplo, Huebner 1983) e é reforçado pela observação de aprendizagem em sala de aula pela pesquisadora e outros profissionais envolvidos com o ensino de inglês para alunos brasileiros. Evidência adicional encontra-se no estudo longitudinal, pois Dora também demonstrou ter tido menos problemas de aquisição do pronome na função de sujeito. De forma especulativa, podemos atribuir ao papel de agente, que se dá na função de sujeito, como um fator que empresta saliência aos pronomes na função de sujeito, facilitando sua aprendizagem.

Ainda quanto ao estudo transversal, é possível que o uso de anáfora zero seja muito mais freqüente na fala de nossos alunos do que a freqüência que detectamos na amostra. A situação experimental pode ter exercido uma forte influência nas produções dos informantes, levando-os a monitorar suas narrativas mais atentamente. Conforme os procedimentos adotados, eles tentaram produzir os melhores textos possíveis numa situação que é comum em sala de aula: a produção de narrativas. Repetir o sintagma nominal definido pareceu mais seguro do que usar o pronome neutro. Como já foi dito, isso não ocorreu com os pronomes pessoais humanos (*he, she, him, her*), que têm correspondentes na L1.

Os dados do estudo longitudinal reforçaram a previsão de que a dificuldade dos brasileiros seria maior na função de complemento, embora seja importante que reconheçamos as limitações de um estudo envolvendo apenas um sujeito.

Finalmente, nossos estudos sugerem que transferência da L1 pode ser um fator que influenciou a produção dos informantes nos dois estudos. Sabe-se, no entanto, que ela não ocorre necessariamente como transferência direta da L1 para a língua alvo (Ellis 1994, Klein 1986). No caso de nossos dados, transferência pode ser uma combinação da estranheza do conceito de neutralidade associada à alta incidência de zero no português falado do Brasil. A evitação foi mencionada como uma possível explicação para o uso da redundância, o que sugere que os aprendizes podem não transferir diretamente as regras de sua L1, mas podem evitar as estruturas que seus sistemas lingüísticos não possuem.

PRONOMINALIZAÇÃO EM INGLÊS

REFERÊNCIAS

- BUTTERWORTH, G. & HATCH, E. M. A Spanish-speaking adolescent's acquisition of English syntax. In: E. M. Hatch (ed.) *Second language acquisition*. Rowley: Newbury House, 1978, p.231-245.
- ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- FAKHRI, A. Variation in the use of referential forms within the context of foreign language loss. In: S. Gass, C. Madden, D. Preston & L. Selinker (eds.) *Variation in second language acquisition. Vol. I: Discourse and Pragmatics*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1989.
- GALVES, C. Pronomes e categorias vazias em português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 1984, 7:107-136.
- GALVES, C. O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 1989, 17:65-90.
- GUINDASTE, R. M. *A categoria vazia na posição de objeto em português*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1991.
- GUNDEL, J. K. & Tarone, E. E. Language transfer and the acquisition of pronominal anaphora. In: S. M. Gass & L. Selinker (eds.) *Language transfer in language learning*. Rowley, Massachusetts: Newbury House, 1983, p. 281-296.
- HUEBNER, T. *A longitudinal analysis of the acquisition of English*. Ann Arbor: Karoma Publishers, 1983.
- KLEIN, W. *Second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- LIMA, M.D. S. *The production of English nominal anaphora by Brazilian university learners*. Unpublished PhD Thesis. Reading University, UK, 1993.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes Editores, 1987.
- SCHACHTER, J. *An error in error analysis*. *Language Learning*, 1974, 24: 205-214.
- VILLALBA, T. K. B. *A transferência na aquisição de anáfora pronominal em espanhol por universitários brasileiros*. Dissertação de Mestrado. CPG Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

MARÍLIA DOS SANTOS LIMA

- WHITE, L. The 'pro-drop' parameter in adult second language acquisition. *Language Learning*, 1985, 35 (1): 47-61.
- WILLIAMS, J. Pronoun copies, pronominal anaphora and zero anaphora in second language production. In: S. Gass, C. Madden, D. Preston & L. Selinker (eds). *Variation in second language acquisition. Vol I: discourse and pragmatics*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1989, p. 153-189.